

N.º 1107

1107

BIBLIOTHECA



N.º 2291

Viuva das Camélias

2291

J. Duarte Pereira



N=1004

661



**VIUVA DAS CAMELIAS;**

SCENAS DA VIDA PARISIENSE.

COMEDIA EM 1 ACTO,

Traduzida do Francez

POR

D. MARIA VELLUTI.

*Jacinto Duarte Ferraz*



A. 12  
5547  
522

**RIO DE JANEIRO,**

TYP. E LIVRARIA DE BERNARDO XAVIER PINTO DE SOUSA,

Rua dos Ciganos ns. 43 e 45.

1859.

*J. Duarte Ferraz*

~~Viúva de Camêl~~  
Viúva de Camêl

## PERSONAGENS.

ALFREDO COQ-HERON.

Sr. Sousa Martins.

MME. DE MONTAUBIN (SUSANNA) joven viuva.

Sra. Mirõ.

CLARA, criada.

Sra. Julia Heller.



BIBLIOTHECA



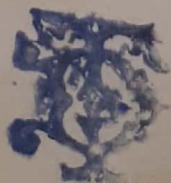
N<sup>o</sup> \_\_\_\_\_





Ade Fuchs del.

Imp. de Saxe.

*Maria Theresia*





A

# VIUVA DAS CAMELIAS.

COMEDIA EM 1 ACTO.

**Rua de Provença, em 1856.**—Interior elegante d'um *boudoir* : mobilia rica, de rodas; tapete, quadros, dous sofás no 1.º plano, um á esquerda, outro á direita; um velador no meio do theatro com objectos d'arte em cima; um piano á direita no 2.º plano, e por cima um retrato; uma janella á direita no 1.º plano.

## SCENA 1.ª

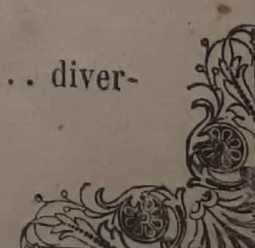

**CLARA**, e depois **SUSANNA**. (*Ao levantar do panno, Clara está á janella.*)

CLARA.

*E. Janello*  
Que é lá isso! . . . A senhora já de volta! . . . a visita foi curta! . . . só se lhe sobreveio alguma aventura! . . . a senhora é tão original. . . é mesmo uma phantasista! . . . (*Entra Susanna; toilette elegante, porém um pouco excentrico.*)

SUSANNA.

(*Rindo ás gargalhadas.*) Ah! ah! ah! é delicioso. . . divertido! . . . Clara!



CLARA.

Senhora ! . . .

SUSANNA.

Conheces bem o senhor Camuset ?

CLARA

O seu advogado ? vem aqui muitas vezes.

SUSANNA.

Venho de sua casa . . . Fui lá buscar os autos da minha demanda . . . E não sabes ? fez-me uma declaração ! . . .

CLARA.

Porque a senhora quiz . . . Sorria-lhe de um certo modo . . .

SUSANNA.

Sim, porque queria ver como um advogado fazia uma declaração . . . coisa curiosa ! (*Rindo.*) foi um requerimento sem ser em papel sellado . . . Larguei uma gargalhada . . . Abri os dous batentes das portas do seu gabinete, deixei-o de joelhos, em presença dos escreventes, que rião como loucos ! . . . Ah ! ah ! que cara que elle fazia ! . . . agora não tem remedio senão vender o cartorio.

CLARA.

Tome sentido . . . minha senhora . . .

SUSANNA.

(*Tirando as luvas e o chapeo.*) Ora, eu precisava rir hoje . . . acordei com idéas negras ! . . . vou dizer-te uma coisa que te hade admirar ! . . . Quando estava almoçando, tive saudades de meu marido . . .

CLARA.

Devéras, minha senhora?...

SUSANNA.

É uma sensaboria almoçar só.

CLARA.

O defunto senhor Conde, nem porisso era lá muito agradavel!... estava sempre no seu club.

SUSANNA.

(*Pensativa.*) Sim, o club das Batatas... Batatas club.

CLARA.

Andava sempre a ralhar... era muito colérico, impertinente, desconfiado, avarento e mau.

SUSANNA.

Basta, Clara. (*Olhando para um grande retrato d'um homem bem vestido, com bigodes e suissas.*) Meu pobre Raul!... como esta mulher te trata!... a ti, que eras tão nobre, tão grande!

CLARA.

Que diz, senhora?... elle era tão pequeno!...

SUSANNA.

Calle-se. (*Ao retrato.*) Meu Raul!... parece que te estou vendo no dia em que me pediste a meu pai! eu te aceitei com orgulho!... estava tão aborrecida na casa paterna!... (*Mudando de tom.*) Clara, tal como me vês, fui criada no algodão... meu pai fabricava barretes, profissão pouco bri-



lhante, mas lucrativa. Eu tinha duzentos mil francos em cada mão, no dia em que meu defunto esposo me conduziu ao altar.

CLARA.

Quatrocentos mil francos de dote!

SUSANNA.

(*Para o retrato.*) Que olhar nobre! . . . como está parecido com o meu Raul!

CLARA.

Parece-me que o senhor Conde tinha o nariz . . . não sei como me heide explicar . . . tinha o nariz . . . mais . . .

SUSANNA.

(*Olhando para o retrato, de luneta.*) Tens razão, Clara . . . o nariz não está bom! . . . É preciso que leves esse retrato ao pintor, e que lhe expliques como era feito o nariz de meu marido . . . tu que o tens na cabeça. (*Senta-se no divan à esquerda.*)

CLARA.

Sim, minha senhora, desculpe se falei assim de seu defunto marido . . . porém como sei que a senhora não era feliz com elle, por causa do mau genio que elle tinha, por isso tomei a liberdade . . .

SUSANNA.

Sim, elle era ciumento . . . brutal, insupportavel! . . . Se elle vivesse mais tempo, hia requerer o divorcio . . . (*Com indolencia.*) ou então, apunhalava-me, Clara . . . porque eu não sou feliz.

CLARA.

Oh! meu Deus! com 24 annos! rica! e viuva!

SUSANNA.

Ora! esta demanda que me fez a familia de meu marido, por causa das terras em Touraine . . .

CLARA.

Mas a senhora ganhou-a, graças a esse joven advogado, que, segundo dizem, ~~demandou~~ muito bem.

*conduzio a demanda*

SUSANNA.

Sim, li o seu pleito . . . Parece-me um moço de talento . . . é pena que esteja na provincia! . . . desejava conhecê-lo!

CLARA.

E valia a pena, porque lhe fez ganhar quinhentos mil francos.

SUSANNA.

Tambem paguei-lhe bem . . . Mas, desejava vê-lo, para agradecer-lhe de viva voz . . . Dizem que não é feio . . . (*Com melancolia.*) Clara! . . .

CLARA.

Senhora.

SUSANNA.

Estou aborrecida.

CLARA.

Torne a casar . . . talvez que isso a distraia.

SUSANNA.

(*Levantando-se.*) Tornar a casar! . . . nunca! da maneira que estão hoje os homens? . . . Uns *petit-maitres*, que trazem ligas em vez de gravatas, e que cumprimentão assim... (*Arredonda os braços.*)

CLARA.

É verdade, parecem-me uns bonecos de taboleiro!

SUSANNA.

Quando entrão em nossos salões, exalão um cheiro de charuto, capaz de entontecer um granadeiro. . . Nada, gósto mais de ser loureira com elles . . . intertel-os com um olhar.. uma palavra . . . apanhal-os no laço, e depois cassoar com elles . . . Se soubesses como gósto que me fação a còrte . . . e depois, quando elles cahem a meus pés, dar-lhes uma gargalhada nas bochechas! . . . É só quando me divirto!

CLARA.

Pois então é continuar.

SUSANNA.

Clara, hoje não tens violetas a dar-me?

CLARA.

Não, minha senhora, o senhor Monclard não as mandou hoje.

SUSANNA.

Ab! elle faz-me pirraças.

CLARA.

A senhora tem-n'o feito desesperar! . . . hontem sahio elle bem contrariado!

SUSANNA.

Isso logo lhe passa. Hade voltar.

UM CRIADO.

(*Apparecendo no fundo, e trazendo um vaso com uma camelia.*) Da parte do senhor Monclard.

SUSANNA.

(*Sem olhar.*) Eu não t'o dizia? . . . Clara, dá cá. (*Clara apresenta-lhe o vaso.*) Que arbusto é este? . . . uma camelia!

CLARA.

Com um bilhete.

SUSANNA.

(*Tomando o bilhete preso á camelia. Lê:*) « A senhora  
« é uma loureira . . . amei-a porque os seu olhos mostravão  
« que isso a fazia feliz . . . Depois de trez mezes d'uma côrte  
« assidua, com a cabeça em fogo, o coração perdido, lan-  
« cei-me a seus pés . . . a senhora tocou a campainha, e sua  
« criada appareceu . . . depois a senhora, olhando para mim,  
« largou-me na cara uma graciosa gargalhada. Adeus, Susanna,  
« perdou-lhe a minha morte. » Ah! desgraçado!

CLARA.

Vamos acudir-lhe. . .

SUSANNA.

Espera. . . Um post-scriptum. . . « No momento em que

« encósto o cano da pistola na frente, batem... é o meu amigo  
« Beligoi, que vem buscar-me para ir ver os cavallos que lhe  
« chegarão de Londres... Já não me mato... vou ver os  
« cavallos. »

CLARA.

Cobarde!

SUSANNA.

São todos assim!... E não queres tu que eu me divirta  
com elles?... *(Lendo.)* « Todas as manhãs eu lhe mandava  
« violetas, porém a estação d'essa modesta flôr passou para a  
« senhora... remetto-lhe uma camelia; é a flor que lhe con-  
« vem; ella me vingara! » Ah! miseravel!... uma came-  
lia!... mandar-me a mim uma camelia!... Dá cá... *(Atira  
com o vaso pela janella.)*

CLARA.

*(Com um grito.)* Ah! senhora!

COQ-HERON.

*(De fóra.)* Com os diabos!... Quem é que atira os jardins  
pela janella?...

CLARA e SUSANNA.

Ah! *(Ficão immoveis.)*

COQ-HERON.

*(Ainda de fóra.)* Não está má a graça!

SUSANNA.

Um homem que passava!

CLARA.

Parece que se affastou !

SUSANNA.

Sim, já o não ouço . . . respiro. (*Uma violenta badalada na campainha faz estremecer a casa.*)

CLARA.

Estamos perdidas !

SUSANNA.

(*Recuando pouco a pouco, até á porta de seu quarto de cama.*) É elle . . . Clara, recebe-o, pede-lhe desculpa por mim . . . diz-lhe . . .

COQ-HERON.

(*Abrindo bruscamente a porta do fundo.*) Onde está o dono da casa ?

SUSANNA.

Ah ! (*Desapparece á esquerda. Coq-Heron traz o chapeo acachapado, e a roupa coberta de terra. Tem a Camelia nos braços.*)

## SCENA 2.<sup>a</sup>

COQ-HERON, e CLARA.

COQ-HERON.

(*Furioso.*) Onde está o dono da casa ?

CLARA.

Meu amo, sahío.

COQ-HERON.

É materialmente impossivel!... Para me atirar com esta arvore á cabeça, estava em casa... Reclamo o meu assassino, quero leval-o perante o juiz d'este bairro.

CLARA.

Meu senhor...

COQ-HERON.

E dizem que Paris é uma cidade civilisada!... Matarem um homem na rua, ao meio dia e 37 minutos, com um sol claro e magnifico!... Demais, quando me atirarão com o vaso, passava ao mesmo tempo, junto de mim, um homem muito gordo: porque é que não escolherão a elle?

CLARA.

Meu senhor...

COQ-HERON.

(*Pondo a camelia sobre a mesa.*) Desgraçada, não sabes que assigno a minha escriptura de casamento á uma hora e 23 minutos? Não sabes que o tabelião está aparando a penna?... Não sabes que me caso com a menina Zoé — Herminia — Lucianna — Maria — Carlota — Emma — Gertrudes — Angelica — Antonia de Jolivet?... Não sabes que toda a familia Jolivet, que montão a 31, ou 34, não sei bem o numero, está á minha espera?... Não sabes que toda essa familia está vestida de roupa fina, e de chapéos novos?... Não sabes que elles esperão por um noivo bem vestido, e que eu estou feito um judas em Sabado d'Alleluia?... (*Penteando-se.*) Veirão... veirão em que estado me pozerão!... ~~parece que sahí~~ d'um pantano!

CLARA.

Meu senhor . . .

COQ-HERON.

Não sabes que este chapeo do Pinau, custou-me 20 francos? . . . Não sabes que só os capitalistas pódem comprar todos os dias chapeos de vinte francos? . . . Não sabes que eu não sou rico? . . . e que não posso gastar com os chapeleiros? . . . Aposto que tens algum chapeleiro na familia?

CLARA.

Não, senhor, meu pai tira nodoas do fato.

COQ-HERON.

*(Tirando a casaca.)* Bom, leva-lhe a minha casaca. *(Atira com a casaca a Clara.)* Agora não são d'aqui, sem que me paguem o chapeo . . . eu cá, tenho character; grudo-me n'esta cadeira, e verão se são. *(Senta-se ao lado da mesa do meio.)*

CLARA.

O homem é da pelle!

COQ-HERON.

*(Olhando para o retrato.)* Quem é este carão? . . . parece-se com o senhor de Framboisy!

CLARA.

*(Gravemente.)* É meu antigo amo . . . porém ja está defunto!

COQ-HERON.

*(Levantando-se.)* Está feito, a physionomia é magnifica!

III



(Canta, zangado, sobre a aria do Sir de Framboisy, e dirige-se para o retrato.)

- \* Foste tu, que na cabeça
- \* Me lançaste enorme vaso!

CLARA.

Meu senhor, juro-lhe que não foi elle.

COQ-HERON.

Senão foi elle, foi o irmão; é o mesmo. (Canta:)

Quero fallar ao irmão  
Do senhor de Framboisy;  
Hade pagar-me o chapeo,  
Alias não vou d'aqui.  
Tra la la la.

Hade pagar-me o chapeo.  
Tra la la la.

SUSANNA.

(Entra com ar muito grave.)

COQ-HERON.

(Suspende-se aturdido; á parte.) ~~Uma~~ mulher! (Cumprimenta-a constrangido; está sempre em mangas de camisa. Susanna vai para o sofá da esquerda, e tira da carteira um luiz.)

### SCENA 3.<sup>a</sup>

OS MESMOS, e SUSANNA.

COQ-HERON.

Uma mulher! (A' parte.) Que vestuario barulhento!... estarei em casa d'alguma Leôa?...

SUSANNA.

(*Com gravidade ironica, apresenta-lhe o luiz.*) Aqui tem 20 francos, senhor; apesar de lhe pagar o chapeo, acredite que ficarei sempre muito sentida por um tão triste acontecimento, causado pelo meu descuido; mas esteja certo que expiarei a minha falta... por um arrependimento de toda a minha vida!... Dou-lhe a minha palavra, que em casa não me entrão mais flores... vou mandar pôr grades de ferro em todas as janellas... E talvez que um dia, testemunha dos meus esforços, o senhor me perdõe.

COQ-HERON.

Meu Deus!... Minha senhora, fique persuadida... que eu da minha parte... se tivesse sabido...

SUSANNA.

Fico persuadida, sim, senhor... Entretanto receba os 20 francos.

COQ-HERON.

Creia, minha senhora, que eu sou superior a isso!... Ganho menos mal com a minha profissão... (*Baixo a Clara que está perto d'elle.*) Da-me a casaca! [*Alto a Susanna, em quanto veste a casaca.*] Na verdade, eu fiz uma entrada brutal... deixei escapar certas expressões... mas acredite que eu conheço todas as elegancias da lingua franceza! (*Saída.*)

CLARA.

~~(A parte, rinda.) Goltado! está quasi vencido!~~

SUSANNA.

(*A Clara, designando o retrato.*) Não te esqueça o que te disse a respeito do retrato de meu marido.

CLARA.

Não, minha senhora.

*Sim*

COQ-HERON.

(*A' parte.*) Seu marido?... É viuva! (*Alto.*) Minha senhora, retiro a palavra: « Framboisy. »

SUSANNA.

Não o comprehendo, senhor.

COQ-HERON.

(*A' parte.*) Melhor. (*Em extasis diante do retrato.*) Que bella cabeça!... parece o retrato de Raphael pintado por elle mesmo!... ou então a mimosa predilecta de Goete, com bigodes e suissas... e que ár bom!... faz vontade de comer!

SUSANNA.

Meu senhor, creio que abuso do seu tempo!

COQ-HERON.

Sim, minha senhora, creia que sou com veneração e respeito de V. Ex.<sup>a</sup> o mais humilde dos criados & &. (*Comprimenta recuando; faz cahir uma cadeira. Quer ganhar a porta, faz cahir uma figura chinesa que está sobre o velador, e a figura quebra-se.*)

CLARA.

Ah! (*Apanha os cacos.*)

COQ-HERON.

O' diabo!

SUSANNA.

Meu Deus! o meu chinez de porcellana!

CLARA.

~~O homem está fazendo bonitas habilidades! (Sabe á es-  
querda.)~~

SCENA 4.<sup>a</sup>

SUSANNA e COQ-HERON.



SUSANNA.

Uma raridade que me custou 400 francos!

COQ-HERON.

Quartocentos francos! . . . aqui estão, minha senhora (*Procurando nas algibeiras.*) Não quero ter na consciencia o peso d'um chinez.

SUSANNA.

Que faz senhor? Guarde o seu dinheiro.

COQ-HERON.

(*Como ferido em sua dignidade.*) Perdão: a senhora quer pagar-me um chapeo, e não quer que eu lhe offereça um chinez! . . .

SUSANNA.

Não, senhor; o que lhe peço é que me deixe.

COQ-HERON.

*(Muito commovido.)* Minha senhora, não posso retirar-me, sem que se convença de que o moço que está na sua presença, é um moço cheio de qualidades. . .

SUSANNA.

*(A' parte.)* Que massista! . . . *(Vai sentar-se no divan, e toma um bordado.)*

COQ-HERON.

*(Indo sentar-se ao pé d'ella.)* Vou contar-lhe a minha historia: Filho d'um velho militar, crivado de feridas . . . porem, pobre. . . *(Susanna larga o bordado com impaciencia, vai para o piano, e toca uma polka.)* A minha historia não lhe interessa. *(Levanta-se e seguindo a seu pesar o movimento da polka, vai polkando e contando a sua historia.)* Filho d'um velho militar crivado de feridas porém pobre. . . entrei n'um collegio, onde fiz brilhantes estudos. . . Era preciso, com tudo, escolher uma carreira. . . Minha pobre mãe. . . *(A Susanna que toca.)* Apresse mais o movimento . . . Minha pobre mãe, boa e digna mulher, que tenho a felicidade de possuir ainda, e que tem orgulho em que eu seja seu filho. . . *(Po'kando.)* Assim só não vai a compasso. . . *(A Clara que entra.)* Anda cá Liseta. *(Apodera-se de Clara, que ri ás gargalhadas, e polka com ella.)* Minha pobre mãe destituiu-me ao fóro e agora sou um dos ornamentos do fóro moderno.

SUSANNA.

*(Levantando-se.)* Estão dançando? . . . Clara sahe d'aqui.

CLARA.

Minha senhora, elle é tão esturdio!

SUSANNA.

Decididamente o senhor apoderou-se da minha casa?

COQ-HERON.

Até que a senhora me perdõe.

SUSANNA.

Então tem que esperar. (*Senta-se no sofá à esquerda.*)

COQ-HERON.

Não importa: hoje é terça-feira... não tenho que fazer senão domingo de manhã.

CLARA.

E o seu casamento?

COQ-HERON.

É um casamento de conveniencia; a familia Jolivet que espere. (*Senta-se em uma poltrona.*)

SUSANNA.

(*No sofá, e bordando com raiva.*) Clara, lê o jornal.

CLARA.

Sim, minha senhora. (*Lê.*) « Emprestimo hespanhol. — « subscreve-se em Pariz... » Minha senhora, dizem que isto é um negocio magnifico!

COQ-HERON.

Sim, para os hespanhoes... hi hi hi.

CLARA.

(*Lendo.*) « O muséo acaba de receber um animal extraor-

COQ-HERON.

Até que a senhora me perdõe.

SUSANNA.

Então tem que esperar. (*Senta-se no sofá à esquerda.*)

COQ-HERON.

Não importa: hoje é terça-feira... não tenho que fazer senão domingo de manhã.

CLARA.

E o seu casamento?

COQ-HERON.

É um casamento de conveniencia; a familia Jolivet que espere. (*Senta-se em uma poltrona.*)

SUSANNA.

(*No sofá, e bordando com raiva.*) Clara, lê o jornal.

CLARA.

Sim, minha senhora. (*Lê.*) « Emprestimo hespanhol. — « subscrive-se em Pariz... » Minha senhora, dizem que isto é um negocio magnifico!

COQ-HERON.

Sim, para os hespanhoes... hi hi hi.

CLARA.

(*Lendo.*) « O musêo acaba de receber um animal extraor-

SCENA 5.<sup>a</sup>

SUSANNA e COQ-HERON.

SUSANNA.

(*A' parte, sentando-se.*) E não me heide vingar das impertinencias d'este massista! (*Vendo a carta, que tem rasgado.*) Ah! aqui está a minha vingança.

COQ-HERON.

(*Comsigo.*) É uma mulher encantadora! Não quero que fique pensando que eu sou algum ignorante! (*Passeia, e vendo um bandolim sobre o piano:*) Toca bandolim, minha senhora?

SUSANNA.

Alguma cousa.

COQ-HERON.

Tambem eu; quer ouvir? (*Pega no bandolim.*) « O chapeo do bacharel Pedro. » É um romance, traducção do hespanhol. (*Susanna sorri.*) Primeira copla: (*Canta, acompanhando-se no bandolim, e apoiando o pé sobre uma cadeira ao lado da mesa:*)

*Exuc 588*

D'uma janella em Sevilha,  
Terra d'Andalusia,  
Um vaso de camelias  
Deixou cahir um dia,  
Uma linda viuviaha,  
Sobre um chapeo que tinha  
Pedro, moço Bacharel,  
Que, correndo de trôpel,  
A' porta da Dama bella  
Foi com furia de leão;  
Porém logo que a vê,



Se arrepende do que faz  
E lhe supplica perdão. (*Aproxima-se de Susanna.*)  
Tra la la la la,  
Tra la la la la,  
Conceder-lh'o-hão ?

SUSANNA.

(*Fallando, e olhando-o.*) Senhor !

COQ-HERON.

(*Tomando a sua primeira posição, canta :*)

X

(*Sucedeo isto em Sevilha,  
No anno cincoenta e seis,  
Onde os olhos das viuvvas  
Aos amantes dávão leis.*)

SUSANNA.

(*Sorrindo.*) Canta muito bem !

COQ-HERON.

(*Com modestia.*) Alguma cousa... alguma cousa... me-  
nos mal... ~~agradavelmente.~~

SUSANNA.

Eu não sou da sua força... Permite? (*Toma o bando-  
lim.*) Vou á segunda copla. (*Canta acompanhando-se do ban-  
dolim.*)

A dama ficou zangada ;  
Pedro então para amimal-a  
Vai tocando o bandolim ;  
Com seu canto a dór exhala ;  
~~Seu canto dizia assim :~~  
Tra la la la,  
Tra la la la .

Supplicante lhe pedia  
Perdão por tanta ousadia !

A Dama, que era boa,  
De bom grado lhe perdoa.  
Tra la la la  
Tra la la la.

COQ-HERON.

Que! minha senhora, seria possível!... (*Com transporte.*)

SUSANNA.

(*Canta :*)

Succedeo isto em Sevilha ) 2  
No anno cincoenta e seis, )  
Onde os olhos das viúvas ) 2  
Aos amantes davão leis. )

COQ-HERON.

(*Com enthusiasmo.*) Oh! minha senhora, minha senhora,  
V. Ex.<sup>a</sup> é adoravel! .

### SCENA 6.<sup>a</sup>

Os MESMOS, CLARA. (*Entrando.*)

CLARA.

Senhor, aqui está um chapeo novo.

COQ-HERON.

(*A' parte, contrariado.*) Que séca!... (*Alto.*) Vai-te embora.

CLARA.

E o chapeo?

COQ-HERON.

Vai para a cosinha. . . cheira a queimado. . . é o jantar. . . vai, vai. . . (*Empurra Clara que sahe pela direita.*)

SCENA 7.<sup>a</sup>

COQ-HERON e SUSANNA.

COQ-HERON.

(*Com enthusiasmo.*) Ah! minha senhora! ah! minha senhora!

SUSANNA.

Agora ja tem o chapeo, pode-se retirar.

COQ-HERON.

Perdão, minha senhora. . .

SUSANNA.

O seu contracto assigna-se hoje, e a tribu dos parentes. . .

COQ-HERON.

Não faz mal. . . é um casamento por conveniencia.

SUSANNA.

Porém a sua noiva. . .

COQ-HERON.

Ha 18 annos que espera ; pode esperar mais duas horas.

SUSANNA.

Desoito annos? . . . então é moça?

COQ-HERON.

Que grande cousa! . . . quem é que não é moço? . . . os velhos; e mesmo assim. . . demais ella é morêna. . .

SUSANNA.

Uma côr muito engraçada.

COQ-HERON.

Uma côr alsaciana.

SUSANNA.

A Venus de Strasbourg.

COQ-HERON.

*(Rindo-se e sentando-se perto d'ella.)* Venus! Digão o que quizerem, não ha nada como as mulheres acastanhadas!

SUSANNA.

Deveras? *(Sorrindo.)*

COQ-HERON.

*(A' parte.)* Se não me engano, ella começa a interner-se. . .

SUSANNA.

Que tem?

COQ-HERON.

*(Animando-se.)* Escute-me, senhora, eu sou fatalista. . .

Agora abenço o vaso das camelias que me atirou á cabeça... porque logo que me não matou, é porque devo viver para V. Ex.<sup>a</sup> . . . é a linguagem, a verdadeira linguagem das flôres!

SUSANNA.

(Com requebro.) Isso é graça.

COQ-HERON.

(Animando-se cada vez mais.) Graça! . . . Não, minha adorável senhora, não é graça . . . Não sei o que se passa em mim . . . tenho febre . . . o coração bate-me . . . quer ver? . . . dê cá a mão . . . O ar que respiro n'este gabinete, embriagame, como se fosse champagne . . . A senhora perdoou-me, eu vi-a sorrir-me . . . Ah! eu endoudeço . . . o meu coração também endoudece . . . eu ardo . . . o meu coração também arde . . . Minha senhora, eu amo-a . . . amo-a como louco . . . (Lança-se-lhe aos pés.)

SUSANNA.

(Radiosa, puxa pelo cordão da campainha, e levanta-se. Clara apparece no terceiro plano á direita.) Clara, um cópo d'agua para este senhor.

CLARA.

~~Sim, minha senhora (sahe.)~~

SUSANNA.

~~(Passando por detraz do canapé.) A agua deve aal-mal-o. (Vai buscar o chapeo novo em cima da mesa, aproxima-se de Coq-Heron que está sempre de joelhos, e dá-lh'o, largando uma gargalhada na cara d'elle. Canta:)~~

Succedeo isto em Sevilha,  
No anno cincoenta e seis.

COQ-HERON.

(Sempre de joelhos.) Porem, minha senhora. . .

SUSANNA.

(Canta :)

Onde os olhos das viúvas  
Aos amantes davão leis.

(Retira-se pelo 3.º plano á direita, rindo ás gargalhadas.)

### SCENA 8.<sup>a</sup>

CLARA e COQ-HERON. (Clara com o côpo d'agua.)

COQ-HERON.

(Levantando-se.) Gracejou comigo? . . . máu. . . máu. . . por que enfim, se a minha entrada foi inconveniente, pedi-lhe perdão . . . e como ella é bonita . . . a sua vista causou-me um effeito extraordinario. . . a mim que só estou acostumado a vêr advogados e tabelliães, gente de ordinario muito feia. . . principalmente nas provincias.

CLARA.

(Apresentando-lhe a agua.) Aqui tem a agua.

COQ-HERON.

Deixa-me. (Comsigo.) Todo o homem tem direito de dizer a uma mulher « amo-a. »

CLARA.

Aqui tem a agua.

COQ-HERON.

Ja te disse que me deixasses! . . . *(Continuando.)* É nenhuma mulher tem direito de caçar com elle, quando é sincero... e eu fui sincero! . . . Demais, não sou nenhum homem á tóa . . . Sou defensor da viuva, do orphão, e de todo o ratoneiro que quer depositar em mim a sua confiança! . . . Ha pouco tempo, ganhei a causa d'um homem que tinha feito a mulher em pedaços! . . . para isto é preciso ser alguma coisa . . . e preciso que tenha passado por duros exames. . . *(Tira um cartão d'al-gibeira, e deita-o em cima da mesa.)*

CLARA.

*Certamente.* . . . *Se* a senhora tivesse sabido . . .

COQ-HERON.

Onde está o meu chapeo? Ah! tenho-o na mão.

CLARA.

*(Dando-lhe o chapeo amarrotado.)* E este, o infeliz?

COQ-HERON.

*(Examinando-o.)* *Da-o cá* ~~Concertado~~ . . . *(Pondo o chapeo na ca-beça.)* Adeos, Maria.

CLARA.

*(Indicando-lhe a agua.)* E a agua?

COQ-HERON.

~~Não tenho sede.~~ *(Sahe pelo fundo.)* *Bebe-a tu!*

SCENA 9.<sup>a</sup>

CLARA e SUSANNA.

CLARA.

Não desgosto deste parlapatão!

SUSANNA.

*(Entrando e rindo.)* Foi-se finalmente?

CLARA.

Sim, minha senhora, e bem afflicto. . . pode acreditar-o!  
*(Leva o copo d'agua para dentro á esquerda.)*

SUSANNA.

*(Rindo.)* Se te parece defende-o! . . . A cara com que elle ficou, quando te pedi a agua! . . .

CLARA.

Elle não é feio! e é elegante!

SUSANNA.

Qual elegante! . . . sem distincção. . . sem maneiras. . . ah!  
ah! ah! ah! Quando elle estava de joelhos. . . ah! ah! ah! ah!  
que cara. . . ah! ah! ah! ah! de espantado! ah! ah! ah!

CLARA.

A posição não era propria para um advogado!

SUSANNA.

Advogado, elle?



CLARA.

Defensor da viuva, do orphão, e de ordinario de todos os ratoneiros que querem depositar n'elle a sua confiança. Assim m'o disse; aqui está o seu cartão. (*Da-lhe o cartão.*)

SUSANNA.

(*Lendo.*) « Alfredo Coq-Heron!... » É o meu advogado! foi elle que ganhou a minha causa!

CLARA.

E esta?

SUSANNA.

Oh! meu Deos! o que fiz!... Um moço encantador... por que asseguro-te, Clara, que elle é encantador!

CLARA.

Isso sei eu, minha senhora.

SUSANNA.

Moço distincto, espirituoso... cheio de talento... e um coração...

CLARA.

E como elle dança a polka!...

SUSANNA.

E como canta romances!... oh! como é que não adivinhei!... Clara, eu quero fallar-lhe.

CLARA.

Elle deve estar ainda na rua.

SUSANNA.

Que heide fazer?

CLARA.

Deite-lhe outra' cousa em cima da cabeça.

SUSANNA.

Deos me livre... Anda, Clara, vai, corre, Clara, dizelhe... (*Coq-Heron entra pelo fundo.*) É elle. (*Clara sahe.*)

### SCENA 10.<sup>a</sup>

COQ-HERON e SUSANNA.

COQ-HERON.

(*Muito tranquillo, com um chinez na mão.*) Minha senhora, em nossa respectiva posição, não devo conservar cousa alguma que lhe pertença. Devo-lhe um chinez... ei-lo aqui. É feio, mas custa caro! Ha' uma alta sobre os chinezes. (*Poem-n'o sobre a mesa.*) Agora sou de V. Ex.<sup>a</sup> humilde criado... (*Vai para sahir.*)

SUSANNA.

(*Muito agitada.*) Senhor Coq-Heron...

COQ-HERON.

(*Tirando o relógio.*) São 4 horas menos um quarto: a minha noiva espera-me.

SUSANNA.

Um casamento de conveniencia...

COQ-HERON.

Mas a tribu dos parentes? . . .

SUSANNA.

Que espere: não quero que fiquemos assim. O senhor então é advogado?

COQ-HERON.

Alfredo Coq-Heron. . . o ultimo da familia. . . se eu não tiver filhos, extingue-se a raça. . . mas heide têl-os.

SUSANNA.

Saiba, que o senhor tomou conta da minha demanda em Touraine, e que ganhou a causa; saiba que salvou uma parte da minha fortuna.

COQ-HERON.

Não duvido. Será por acaso a ~~senhora~~ a viuva Montaubin, a quem tenho a honra de fallar?

SUSANNA.

Eu mesma; e o meu reconhecimento. . .

COQ-HERON.

(*Friamente.*) A senhora não me deve nada; pagou-me o meu trabalho, estamos quites. É verdade que foi um pouco cruel para comigo. . . mas, enfim, como não me conhecia. . .

SUSANNA.

Senhor Coq-Heron, perdoe-me.

COQ-HERON.

Pois não, minha senhora. . . até me julgo feliz em ter feito

com que V. Ex.<sup>a</sup> se risse e divertisse por alguns instantes. Eu estava louco quando ousei conceber a idéa de inspirar um sentimento serio. . . Quem sou eu para ser amado ! . . . Um pobre advogadinho de provincia... modesto... simples... ignorado... Se eu fosse ás corridas, com véo verde no chapeo. . . a casaca empoeirada. . . como os petimaitres, então sim. . .

SUSANNA.

Senhor Coq-Heron. . .

COQ-HERON.

Bem vê que não tenho o cabello apartado ao meio. . . ~~que~~ não cheiro a pomadas, nem estou frisado. . . Sou um pobre. . . obscuro. . . indigno de ser amado. . . e quando o meu coração se enternece, dizem-lhe como ao cão que amima: — <sup>meia</sup>abaixo as patas. (*Tirando o lenço e sentando-se no canapé á direita.*) Acredite, minha senhora, que me affligio extremamente.

SUSANNA.

Então era serio o que ha pouco me dizia ?

COQ-HERON.

Se era serio ! . .

SUSANNA.

Pois agora tambem lhe digo, que ~~quando~~ lia as suas brilhantes defesas, sentia não estar presente. . . queria ver esse gesto nobre. . . essa eloquencia irresistivel. . . essa physionomia expressiva. . .

COQ-HERON.

Que oiço !

SUSANNA.

Acredite. . . não sei o que digo. . . (*Senta-se ao pé d'elle.*)  
Não sei o que experimento. . .

COQ-HERON.

O mesmo que eu inda agora?

SUSANNA.

E eu que o repellí! . . .

COQ-HERON.

Quando uma só palavra da sua boca teria sido bastante  
para. . .

SUSANNA.

Fazer de <sup>nossas</sup> duas almas uma, unir os nossos pensamentos. . .  
os nossos corações. . .

COQ-HERON.

Que! . . . pois poderei esperar! . . .

SUSANNA.

Eu não disse. . .

COQ-HERON.

Mas hia dizer. . . oh! senhora, diga. . . diga. . . diga essa  
palavra de vida. . . essa musica do coração. . . essa symphonia  
celeste. . . diga que me ama. . . diga, senhora, diga!

SUSANNA.

Sim. . . eu. . . eu amo-o!

COQ-HERON.

*(Levanta-se radioso.) Finalmente! (Toca a campainha; Clara apparece.) Um copo d'agua para esta senhora.*

CLARA.

*ah! ah! ah!*

*(Admirada.) Heim?*

SUSANNA.

Um copo d'agua!

COQ-HERON.

*(Friamente, passando por detraz da cortina.)*

Succedeo isto em Sevilha  
No anno cincoenta seis. *(Olha o relógio.)*

SUSANNA.

*(A' parte e levantando-se.) Monstro! (Alto, e mudando de tom.) Foi bem apanhada! (Rindo.)*

COQ-HERON.

*(A' parte, e rindo.) Leva a cousa de gracejo... É mulher d'espírito! (Alto.) A senhora é uma moça d'espírito!... (Dando-lhe a mão.) Sem ficarmos mal?...*

SUSANNA.

*(Depois de hesitação, da-lhe a mão.) Certamente.*

CLARA.

*(Entrando.) Aqui está a agua.*

COQ-HERON.

Tem flor de laranja?

CLARA.

Sim, senhor.

COQ-HERON.

Bebe-a tu se precisares. (*A Susanna.*) Seu humilde criado. . . (*Comprimenta.*)

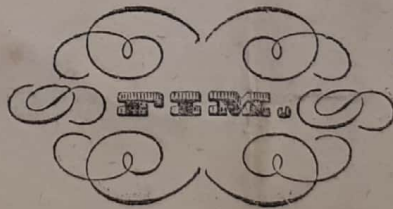
SUSANNA.

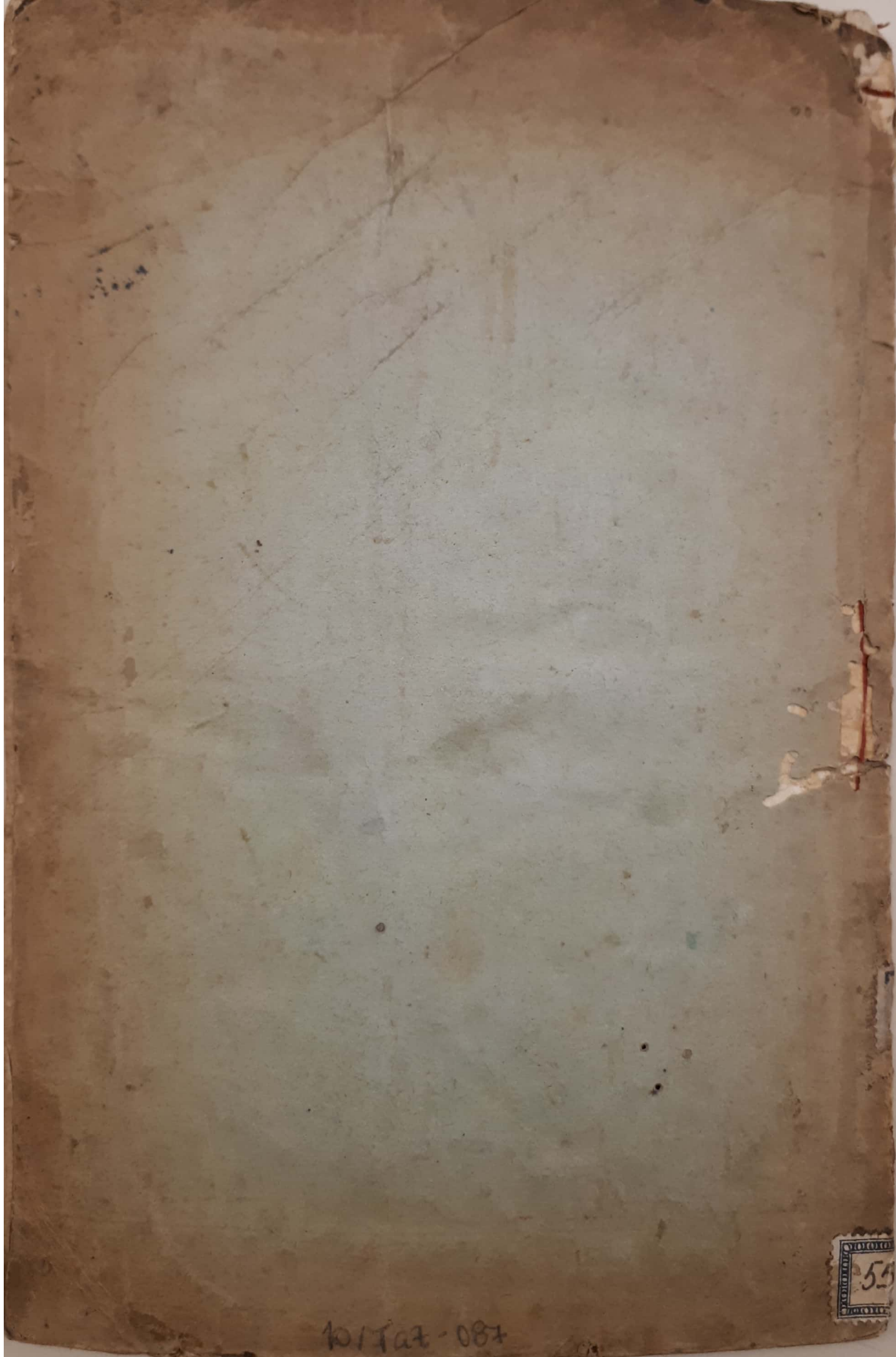
(*Saudando-o.*) Seja muito feliz.

COQ-HERON.

(*Cantarolando.*)

Sucedeo isto em Sevilha  
No anno cincoenta e seis.





10/107-087

55